

FANTASIA MATERNAL E ANOREXIA INFANTIL

O sintoma da criança aparece como uma possibilidade de resposta ao desejo do Outro, e de construir um lugar a partir da fantasia materna.

Lacan, n'O Seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, nos ensina que "antes de qualquer formação do sujeito, de um sujeito que pensa, que se situa aí - isso conta, é contado, e no contado já está o contador. Só depois é que o sujeito tem que se reconhecer ali, reconhecer-se ali como contador" (1998 [1964]: 26). O sujeito é efeito do significante, ele não é senhor, não é mestre dos significantes que lhe sobredeterminam e marcam. É efeito do modo como é contado pelo Outro, e nos dois sentidos possíveis ao termo: contar via significante, tecendo uma história, e contagem monetária, referindo-se a um valor, a uma economia de gozo. Refere-se tanto à possibilidade de um sujeito advir via uma significação, como a seu modo específico de se satisfazer, via que necessariamente passa pelo sintoma.

Uma vez tendo sido contado, só lhe resta tomar lugar nesse dito e se contar a partir dele, marcado por um desconhecimento e uma duplicidade própria ao significante, de tal forma que Lacan (1998 [1964]) esclarece que a alienação é o destino de todo sujeito falante, pois o desejo do sujeito é o desejo do Outro.

Contudo, sendo o desejo marcado pela falta, dizer que o sujeito advém pelo desejo do Outro não é o mesmo que dizer que ele está petrificado, inerte diante dele, pois a falta, própria ao desejo, constitui um espaço de manejo e de invenção, a partir do qual o sujeito é convocado a posicionar-se.

Abordamos a demanda de atendimento clínico da mãe de um menino anoréxico de 10 anos, que nos procura depois de sucessivas internações dessa criança. Os nomearemos Joana e João. Eles moravam na zona rural, em uma região isolada, em que não tinham qualquer contato com outras pessoas para além do círculo familiar, o único contato externo acontecia para essa criança quando ia à escola. Joana tinha mais duas filhas, todas adultas, e que sempre a "obedeceram", e continuavam "solteiras", "trabalhando duro" no sítio da família, pois "sou eu quem mando ali".

Relata que o filho mais jovem "não come", e quando ela percebe isso, fala com ódio que "ele não me obedece", na sequência me diz que "sou eu que ponho comida na mesa, ele tem que me obedecer", evidenciando o lugar conferido à comida na fantasia materna. É em torno desse objeto que ela põe a mesa que circula o direito de mandar e desmandar em seus filhos, que lhes devem uma obediência cega e irrestrita, na qual não há espaço possível para o desejo, ela diz: "eles tem que fazer o que eu mando, e na hora que eu mando, não interessa, que parem o que estiverem fazendo."

A cada internação a mãe direciona ainda mais ódio a essa criança, de forma que a demanda materna não gira em torno de uma preocupação com a anorexia do filho, e sim, em torno do ódio que sente a cada vez que, com seu sintoma, ele foge de seus ordenamentos. Ela pede à analista: "ele não me obedece, me diz o que eu tenho que fazer pra ele me obedecer, é só por isso que aceitei vir aqui." O sintoma anoréxico aparece como uma estratégia de separação, uma tentativa de um sujeito em fazer valer seu desejo, diante desse Outro surdo aos seus apelos, contudo, desvela uma alienação a esse Outro materno, que teima em submeter o sujeito a uma lei arbitrária, caprichosa, e que tem o alimento como seu suporte.

Há uma alienação radical, pois o sujeito aparece como submetido ao desejo materno: se obedecer passa por comer a comida que ela coloca na mesa, pois bem, ele não come, e com isso cava um espaço de manejo, desvela a falta no discurso materno, que se redobra sobre ele. Contudo, qual não é o preço pago, já que por diversas vezes se viu diante da morte.

Diante da eminência da morte de João, sua mãe o conduzia até o hospital na "cidade", só o fazia quando efetivamente via que "ou era isso, ou a morte". Tais idas à cidade eram acolhidas com ódio por essa mulher, já que o ordenamento, que sempre efetivou as duas filhas, era que permanecessem na roça trabalhando, e agora "olha o que ele me faz fazer, largar tudo e vir pra cá".

No jogo com o Outro, o sujeito pode jogar com sua falta, ao que Lacan ressalva, ainda no Seminário 11, que o sujeito joga o jogo de fazer falta, ou seja, ele se oferece como objeto que falta ou pode vir a faltar ao Outro, de modo que Lacan explicita que o primeiro objeto que o sujeito propõe ao desejo parental é sua própria perda - "pode ele me perder?" (1998 [1964]: 203, grifos do autor). Assim, o que está no cerne desse jogo é o enigma do desejo do Outro, a tentativa do sujeito de operar com sua própria perda, colocando-se como objeto de desejo para o Outro.

Há uma tentativa de saber o que se é no desejo do Outro, e na anorexia esse jogo é tão radical, que de fato a vida do sujeito é a moeda de jogo. Nesse caso, a vida dessa criança parece ser a única peça que faz essa mãe se deslocar da posição daquela que dita o que deve ser feito, e que tem um saber quase absoluto sobre os filhos. Diante da possibilidade de perder essa criança, ela não só interrompe o isolamento que imputa aos filhos e a si, como vai em busca de ajuda, ainda que sua demanda venha pela via de buscar uma forma de fazer o filho obedecer e comer. João aparece como objeto de seu capricho, o que está em questão não é o seu sofrimento, mas a angústia instaurada pelo furo, pela falta que essa criança instaura em seus ditames.

Lacan nos ensina que a mãe parece empanturrar a criança com uma "papinha sufocante", porque sufoca a possibilidade de desejar para além daquele objeto, o sujeito precisa negá-lo, deixando vazio o lugar ocupado pela comida. Retomando assim o lugar próprio ao objeto do desejo: um lugar vazio que pode ser ocupável por todo e qualquer objeto, sem ser recoberto por nenhum deles. O desejo já implica falta, como salientamos, porém, essa mãe aparece para a criança como sem furo, sem falta, tanto que é com seu sintoma que o sujeito faz surgir a possibilidade de advir um desejo.

A falta se redobra sobre a criança, que imaginariamente supõe que a comida calaria o desejo. Aqui percebemos o que Lacan evidencia n'O Seminário, livro 5, As formações do inconsciente: há uma confusão entre demanda e desejo, pois a comida, objeto por meio do qual gira a demanda materna, não é o objeto de seu desejo, já que o desejo não se direciona a nenhum objeto objetivável, o desejo é sempre de outra coisa, é metonímico, está em constante circulação. Ao confundir o objeto da demanda com o objeto do desejo a criança se sente sufocada, impossibilitada de desejar se acolhe esse objeto da demanda materna. Negá-lo, nessa visada, é promover a circulação de objeto, é manter seu caráter metonímico, que possibilita que sempre outro objeto entre na série. Aqui, é a própria criança, com sua vida e seu corpo, que é colocado na série, ao se oferecer ao Outro como objeto de perda.

Lacan (2005 [1962-1963]) ensina que o objeto a é a única prova e garantia da alteridade do Outro, de forma que ao retomar a dimensão salutar do objeto do desejo, seu lugar vazio, o sujeito é convocado à criação, a uma invenção de si, que, ainda que ancorada no desejo do Outro, possa ir além dele. Há uma tentativa de separação, que se apresenta pela possibilidade de gerar a si mesmo, de maneira que, na separação, há o advento de um desejo novo, de uma invenção de si que vai além do Outro: "é por sua partição que o sujeito procede a sua parturição" (1998 [1960]: 857).

O neologismo cunhado por Lacan, "parturição", evidencia que só é possível a um sujeito parir-se à medida que advém como dividido, caindo na vacilação própria ao sentido. O sintoma anoréxico nessa criança é uma tentativa de fazer o Outro materno vacilar quanto ao seu sentido fechado que ordena: coma! Sem querer saber se é esse o objeto que se vincula ao desejo do sujeito. Nessa vacilação ela aparece como faltosa, e o objeto que supostamente aplacaria a falta cai, deixando o lugar vazio. É o próprio sujeito que se torna objeto do desejo materno, à medida que se oferece a ela como podendo faltar, e pela eminência de perder o filho, um furo advém em seus ditames.

É o desejo de outra coisa que faz sua aparição em João, à medida que ele nega o alimento, suposto obstruir o desejo: as luzes da cidade, a circulação de gente, a música, a dança... Significantes que começam a ser agenciados por ele ainda no hospital, donde demanda da mãe, que quer morar na cidade com uma tia. Por essa via, ele pode nomear outros objetos por onde poderiam circular o seu desejo, outros que não a sua própria perda, único objeto que parecia fazer barreira frente à comida que era colocada na mesa.

REFERÊNCIAS

1. LACAN, J. (1962-1963). O Seminário, livro 10, A angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
2. LACAN, J. (1964). O Seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
3. LACAN, J. (1964 [1960]). "Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval". In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

RESUMO

O sintoma da criança aparece como uma possibilidade de resposta ao desejo do Outro, e de construir um lugar a partir da fantasia materna. Abordamos a demanda de atendimento da mãe de um menino anoréxico de 10 anos, que nos procura depois de sucessivas internações dessa criança. Em sua fala se desdobra o lugar conferido à comida na fantasia materna, sendo em torno desse objeto que circula o direito de mandar e desmandar em seus filhos, que lhes devem uma obediência cega. O sintoma anoréxico aparece como uma estratégia de separação, uma tentativa de um sujeito em fazer valer seu desejo, diante desse Outro surdo aos seus apelos, contudo, desvela uma alienação radical a esse Outro materno, que teima em submeter o sujeito a uma lei arbitrária, caprichosa, e que tem o alimento como seu suporte.

Palavras-chave: anorexia; fantasia; desejo.

ABSTRACT

The child's symptom appears as a possible response to the desire of the Other, and to build a place from the maternal fantasy. We approach the demands of an anorexic 10 year old boy's mother, coming in after repeatedly admitting the child. Her speech unfolds the place given to food in the maternal fantasy, being around that object circulating the right to order her other children around, because they owe her blind obedience. The anorexic symptom appears as a separation strategy, an attempt of an individual to assert their desire before this Other, deaf to their appeals, however, it reveals a radical alienation of that mOther, who insists on subjecting the subject to an arbitrary, fickle law, supported by food.

Keywords: anorexia; fantasy; desire.